CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
A ESCOLA E A TERCEIRA GERAÇÃO
20 de julho de 2023

É SÓ UM MINUTO... / 1998

Realização: Pedro Caldas / **Argumento e diálogos**: Jacinto Lucas Pires / **Direção de fotografia**: Isabel Aboim / **Direção de som**: Raquel Jacinto, Dominique Gaborieau / **Figurinos**: Rita Lopes Alves / **Montagem**: Maria da Costa / **Assistência de realização e anotação**: João Figueiras / **Interpretação**: Inês Lapa Lopes, Ivo Canelas, Leonor Keil do Amaral, António Simão, Hélder Brás.

Produção: Artistas Unidos / **Produtor**: Pedro Caldas / **Assistência de produção**: João Figueiras / **Distribuição**: Atalanta Filmes / **Cópia**: 35mm, cor, falada em português / **Duração**: 13 minutos / **Estreia**: 1 de julho de 1998, Cinemateca Portuguesa (Antestreia)

Pedro Caldas entra na Escola de Cinema do Conservatório Nacional logo em 1975, pertencendo à primeira turma da Escola que completa o seu ciclo letivo, já que a primeiríssima turma de 1973 veria o seu percurso curricular interrompido pelo 25 de Abril. O seu número de aluno era o 39, e partilhou a Escola com Luís Fonseca Fernandes, Joaquim Leitão, José Alves Pereira, João Garção Borges, João Botelho, José Bogalheiro, José Mazeda, Rosa Coutinho Cabral, Vítor Gonçalves, Daniel del-Negro, entre outros. Seguindo a área de som (uma das quatro vias de especialização da Escola, as outras, imagem e montagem), Caldas é um dos primeiros técnicos de som a sair da Escola, antes mesmo de Joaquim Pinto e Vasco Pimentel. As primeiras longas-metragens em que trabalha, quase sempre como assistente de som, são **Passagem ou a Meio Caminho**, realizado por Jorge Silva Melo e estreado em 1980, **Francisca**, de Manoel de Oliveira, de 1981, e do mesmo ano, estreado alguns meses depois, **Dina e Django**, de Solveig Nordund.

Em 1982 estreia o primeiro filme da produtora Azul, **Arábia**, da colega Rosa Coutinho Cabral, e nesse filme a direção de som é assinada coletivamente por Caldas, Pimentel, Pinto e João Félix. A partir daí, e de forma continuada, Pedro Caldas acompanhará, sempre na captação e montagem de som, os filmes das novas produtoras dos anos 1980, primeiro a Azul, depois a Trópico Filmes (enquanto continua a trabalhar com os realizadores já consagrados, António Reis, Manoel de Oliveira, João César Monteiro, António-Pedro Vasconcelos, etc.). Durante esse período, Caldas nunca se afirmou enquanto cineasta, acabando por se estrear na realização de ficção com a presente curta-metragem, **É só um minuto...**, de 1998. Se a sua formação e percurso profissional coincidem com a da dita Terceira Geração, o início do seu percurso pela área das curtas aproxima-o (enquanto realizador) da dita Geração Curtas.

A sua entrada na realização acontece, como com outros colegas, com a alteração do sistema de financiamento público, na segunda metade dos anos 1990, quando passam a existir concursos para formatos curtos, o que sucede também com a incursão dos Artistas Unidos pelo cinema. O primeiro filme da companhia teatral é um documentário de Caldas, **Entrada em Palco** (documentário sobre quatro jovens artistas, a bailarina Leonor Keil e os atores Beatriz Batarda, Ivo Canelas, António Simão), e depois de **É só um minuto** segue-se logo a estreia de Jacinto Lucas Pires como realizador (**Cinemaamor**, de 1999) e a segunda curta de Caldas, **O Pedido de Emprego**, também de 1999. Partilhando a mesma trupe de atores da companhia e de certo modo prolongando-a para a tela, estes filmes dos Artistas Unidos trabalham a partir de argumentos de

Lucas Pires ou do próprio Jorge Silva Melo, que se compõem enquanto micropeças teatrais, pelo menos os de Caldas. **O Pedido** é um diálogo (uma inquisição?) impecavelmente escrito e interpretado, com total concentração de tempo e espaço: uma cena.

É só um minuto... divide-se entre dois tempos e duas personagens: no primeiro tempo, um casal na cama, uma conversa pós-coito, afagos e desentendimentos; o segundo tempo, uma chamada telefónica, ela na escola, ele metido em sarilhos. Entre os dois uma viagem de carro (um improviso), e depois, como posfácio, um remate trágico, isto é, autorreferencial. A simplicidade é tudo e, no entanto, há aqui mafias, tráficos, pistolas e tiros. A força do filme está naquilo que aparece e naquilo que se elide. Veja-se o acesso à casa, o episódio da chave, o amigo à espera na bomba de gasolina da autoestrada, o *off* da chamada telefónica… Vamos compondo o desenho a partir do fino picotado que os diálogos, muito ricos, vão discretamente tracejando. As relações, as intenções, as premeditações, as manipulações e as farsas aparecem através do trabalho dos atores e do trabalho da câmara que interrompe, desfoca, descentra, colhe ou isola, respetivamente. E no fim, depois de todo esse arcabouço de ditos e não ditos, desentendidos e subentendidos, o que sobra é um "acho que gosto de ti". Dito primeiro como quem não sabe o que dizer e precisa de fazer tempo, e dito depois como quem desesperadamente quer dar a resposta adequada: um beijo apaixonado nos lábios. **É só um minuto...** é uma peça de relojoaria onde cada elemento, cada personagem, cada diálogo e cada gesto ecoa dentro do próprio filme, com sentidos contrários mas complementares. Um filme que veio demonstrar aquilo que o percurso de Caldas confirmaria, que além de um grande diretor de som é também um excelente realizador.

Ricardo Vieira Lisboa

UMA PEDRA NO BOLSO / 1988

um filme de Joaquim Pinto

Realização e Argumento: Joaquim Pinto / **Diálogos:** Eduarda Chiote, Joaquim Pinto / **Imagem:** Joaquim Pinto, Rui Henriques / **Som:** Francisco Veloso / **Montagem de Imagem:** Joaquim Pinto, Pedro Pinheiro, Vítor Moreira / **Misturas:** Joaquim Pinto, Hans Kunzi / **Genérico (animação):** Nuno Coelho / **Música:** Miso Ensemble (Paula e Miguel Azguime), Croix Sainte, Pop dell'arte / **Interpretação:** Inês Medeiros (Luisa), Isabel de Castro (D. Maria), Bruno Leite (Miguel), Manuel Lobão (João), Eduarda Chiote (Dona Cândida), Luís Miguel Cintra (Dr. Fernando).

Produção: GER, Grupo de Estudos e Realizadores, Lda. / **Produtores:** João Pedro Bénard, Ângela Cerveira, Bernardo Amaral / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, legendada em inglês, 92 minutos / **Estreia em Portugal:** Fórum Picoas e Lumière, a 15 de Junho de 1989.

No cinema português começar é um compromisso para a vida. Há quem sustente que no primeiro filme de cada cineasta português está tudo o que ele pode ser. Quer dizer, desde o **Douro** desde os **Verdes Anos,** desde o **Belarmino,** tornou-se imediatamente claro que Oliveira, Paulo Rocha ou Fernando Lopes poderiam ser cineastas "fortes" no panorama do cinema nacional. E se as primeiras obras não enganam, **Uma Pedra No Bolso** terá revelado em Joaquim Pinto um dos cineastas potencialmente mais interessantes da década de 80 em Portugal.

Curiosamente, a comparação com outras "primeiras obras" que lhes estão próximas no tempo

singulariza ainda mais, quer o filme, quer o seu autor. Pensemos, por exemplo, em **Duma Vez Por Todas** de Joaquim Leitão, numa **Rapariga No Verão** de Vítor Gonçalves e mesmo em **Três Menos Eu** de João Canijo. Cada um destes filmes define novas "personalidades" no e para o cinema português. **Duma Vez Por Todas** é quase uma sublevação, no sentido em que Joaquim Leitão propõe uma estratégia narrativa que desloca e abala um tipo de cinema em que Fonseca e Costa e António-Pedro Vasconcelos pareciam até então pontificar sem mais competição, sendo que Leitão se sentia absolutamente confortável, por formação e por gosto, na pele de "cineasta de espectáculo", sem os ressentimentos inescapáveis da geração de 60. **Uma Rapariga No Verão**, pelo contrário, é um acabado compromisso estético com as tradições do chamado "cinema novo", revistas pelas rupturas dos anos 70. Nesse sentido, Vítor Gonçalves foi o menos novo dos "novíssimos" cineastas aparecidos no final dos anos 80: o tempo deste seu filme e o estilo da sua *mise-en-scène* ancoram numa tradição dos anos 60 e 70, de resto a mais coerente e a mais produtiva do cinema português (a anos luz da tão propalada e geralmente tão medíocre tradição da "comédia"). Finalmente, **Três Menos Eu** foi o caso de um desvio, tentando sair das premissas asfixiantes do cinema português pelo recurso ao quase *pastiche* rohmeriano, o que criou uma saborosa contradição a João Canijo, seu autor: a de tentar ser sincero (ao nível da história e dos personagens) quando se tem um *parti-pris* absolutamente insincero, naquela exacta medida em que o cineasta se obriga a "caber" em camisa alheia.

A conversa vai longa e com "bolas para o pinhal" aparentemente estranhas ao objecto desta "folha". Tentarei agora levar a água ao meu moinho. A comparação com os filmes até agora referidos torna ainda mais evidente a novidade de **Uma Pedra no Bolso.**

O que foi novo em **Uma Pedra no Bolso** e na atitude de Joaquim Pinto, foi o facto de ele fazer um cinema "sincero", mantendo um tempo português e conseguindo narrar de uma forma desenvolta, querendo eu dizer com isso que a *mise-en-scène* e o argumento não se atrapalham um ao outro, funcionando numa unidade que só não chamo perfeita porque me parece um qualificativo desajustado a um filme que, sem dramas, corre e aceita o risco das suas próprias imperfeições.

Quando Joaquim Pinto apresentou em ante-estreia o seu filme na Cinemateca disse (ou escreveu) que "*Não vale a pena filmar se não se tiver motivos para isso*". Os motivos de **Uma Pedra no Bolso** são óbvios e começa aí a sinceridade tocante desta obra. É um começo. Duplamente: primeiro para o protagonista que se inicia nos mistérios da verdade e da mentira, assim se aproximando da vida adulta – e o percurso de iniciação de **Uma Pedra no Bolso** é tanto mais fascinante quando consegue ser tenso e físico, mesmo quando apenas se compõe de olhares ou de uma modulação mínima dos sentimentos; em segundo lugar, este filme é um começo porque pela primeira vez um cineasta ousou em Portugal arriscar-se fora das premissas dos anos 60, não fazendo – e cito o autor – "*um filme sobre o cinema ou sobre a linguagem cinematográfica*".

Uma Pedra no Bolso é uma história de rapazes. Mas também se pode comparar a um filme policial em que a idade fosse um crime. Quando Miguel, o herói de 12 anos, chega à estalagem da tia, junto à praia, os 12 anos dele ainda não lhe meteram uma pedra no bolso. No fim das férias, as "companhias", as relações com três adultos semearam nele o conhecimento e a dúvida que o diabo da vida há-de amassar.

Uma Pedra no Bolso, a primeira obra de Joaquim Pinto, tem a imperfeição de qualquer filme que corre riscos e que quer compensar o espectador com o dom da surpresa. Quer dizer que é tanto mais bonito quanto mais é verdadeiro. Parece pensado geometricamente, mas sem nunca cair na tentação da linha recta, ou na facilidade das linhas paralelas. Ou seja: do mesmo modo que Miguel descobre que a "história" de um adulto não confirma a de outro, o espectador descobre que o som (escasso e refulgente como um verso curto) não confirma as imagens, e que os actores não confirmam os cenários. Cada coisa, cada som, cada actor, cada diálogo é o ponto onde a linha recta se quebra. Resumindo: **Uma Pedra no Bolso** é um filme de dissonâncias.

Uma Pedra no Bolso inaugurou, todavia, e em quatro tempos, outra maneira de ser um filme português. Primeiro, redescobrindo a sensualidade da paisagem. Segundo, fazendo os actores encarar as emoções num plano estritamente físico – uma das dissonâncias mais motivadoras do

filme talvez seja a que opõe o naturalismo desabrido de Manuel Lobão, o pescador, à tensa candura de Bruno Leite, o miúdo, e à obscura contenção de Inês de Medeiros, a criada. Terceiro, reintroduzindo no "tempo português" de cada plano o mistério da ficção, que passa tanto pelas "histórias" de Miguel com cada um dos outros personagens, como pela recriação de um clima. Quarto, reequilibrando a relação do filme com o espectador, dando a este, em cada plano, um interlocutor válido, que tanto pode ser um personagem, como um cenário (os degraus de uma íngreme escadaria, uma varanda riscada a vermelho), ou a luz azul e branca do litoral.

Porque me parece importante, e porque não é um argumento de desculpabilização seja do que for, termino com uma referência às condições de produção. **Uma Pedra no Bolso** foi feito em condições inauditas. Sem subsídio do IPC (só no final, já na pós-produção, recebeu o automático), Joaquim Pinto filmou com a mais pequena equipa que se terá visto no cinema português (só quatro pessoas), sublinhando de uma forma extremada a tendência "autorista" dominante na cinematografia nacional, na medida em que, para além da realização e do argumento, também é dele a fotografia. E só vem a talhe de foice referir esses pormenores de produção porque também nisso **Uma Pedra No Bolso** é um filme exemplar, convertendo em ganhos estéticos as fraquezas e escassez da produção. Ainda, hoje, "revendo" os anos 80, se pode assegurar que raras vezes houve, no cinema português, uma primeira obra tão sensual, tão desenvolta e ao mesmo tempo tão contida.

Manuel S. Fonseca